

## Desenho e Pintura



- ✓ Noções básicas
- ✓ Pesquisa e formação de repertório
- ✓ Desenho e pintura na escola
- ✓ Releitura e muito mais!

“

*A arte é uma construção, um poder de ordenar e pré-figurar. O artista não traduz, inventa. Nos encontramos no domínio das realidades imaginárias.*

Pierre Francastel (1900-1970)

”



## Introdução

Pensando na potencialização do protagonismo dos educandos e dos educadores, o Instituto Brasil Solidário oferece um curso básico prático de pintura e desenho, que possa ser a base para o fomento de produções artísticas na disciplina de Arte na escola, e em outras disciplinas e áreas temáticas do Programa de Desenvolvimento da Educação - PDE.

O curso prático de desenho e pintura tem como objetivo aproximar o professor dessas linguagens artísticas para que possa, por meio de vivências e experimentações, incorporá-las na sua atividade pedagógica diária, com liberdade e sem receio.

O educador que vivencia a criação artística como potência expressiva e poética, está capacitado

para interpretar e avaliar sensivelmente as produções artísticas de seus alunos, além de estar apto a propor dinâmicas mais criativas, interativas e enriquecedoras no ambiente escolar.

O ato de conhecer e o ato de criar estão intimamente ligados, pois ambos envolvem habilidades como relacionar, ordenar, significar e compreender. Fazer arte produz conhecimento e pode contribuir de maneira efetiva com o processo de aprendizagem.

O curso completo conta com 4 fascículos:

- Desenho e Pintura;
- Desenho artístico;
- Desenho de humor;
- Pintura.



Oficina de Pintura em Jericoacoara, Ceará

Todos os fascículos foram concebidos para proporcionar momentos práticos e reflexivos acerca das técnicas, de modo que os conhecimentos possam oferecer a liberdade de criação necessária tanto à prática artística como à pedagógica. Fornecendo um amplo leque de exemplos de di-

versas épocas e estilos, o curso também amplia o repertório visual do professor, com o intuito de fundamentar novas relações entre os períodos artísticos e entre as diversas áreas do conhecimento, o que refletirá positivamente no trabalho do educador.



Lembre-se que todas as propostas da área temática de Arte & Cultura do IBS estão alinhadas com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS 2013, sendo que a implementação de atividades de arte na escola responde, principalmente, a dois desses objetivos:



Educação de qualidade inclui ensino de Arte pois, por meio das linguagens artísticas, o ser humano pode realizar uma leitura crítica do mundo, conhecer outras realidades, além de expressar suas emoções e pensamentos, impactando positivamente todas as áreas do saber. Afinal, como pudemos constatar no Curso de Introdução à Arte, a atividade artística também gera conhecimento!



A arte, com suas linguagens universais e acessíveis à todos, é democrática por natureza. A expressão por meio dos sons, da imagem e do corpo está disponível aos seres humanos de todas as classes sociais. Porém, é necessário que existam instituições que promovam e valorizem essas possibilidades, apresentando os conhecimentos e ferramentas necessárias à produção artística e o IBS é uma delas!

## “Eu não sei desenhar”

A frase mais ouvida por professores de arte quando propõem alguma atividade é “eu não sei desenhar”. Independentemente da faixa etária da turma, essa fala costuma ser uma regra logo após o período de alfabetização, quando a criança começa a ser mais encorajada a escrever, do que a desenhar ou a pintar.

Fazer arte passou a ser brincadeira infantil ou tarefa reservada somente àqueles que nasceram com um “dom”. Se você chegou à vida adulta achando que não sabe se expressar por imagens, certamente foi uma criança que parou de desenhar e pintar na infância, e não se tornou artista.

Esse curso tem a intenção de lhe devolver a habilidade de se expressar por imagens, pois ela está aí, escondida dentro de você, mas um pouco tímida para se revelar!

Para resgatar essas habilidades, é preciso assumir um compromisso consigo mesmo(a), começando do ponto que parou, sem vergonha de ser feliz. Deixar a mão soltar, brincar, fluir para registrar pensamentos e sensações no papel!

## Sobre a criatividade

Quando falamos em criatividade, logo se imagina esse mundo segregado entre criativos e não-criativos. Foi isso que nos foi ensinado quando criança. Criatividade é um dom divino, algo inato do ser humano. Ou tem ou não tem, e ponto final. Hoje, em plena era da educação transversal e habilidades socioemocionais, chegou o momento de derrubar esse mito.

Diferente do que muita gente pensa, a criatividade deve ser um exercício diário, independente da área de atuação da pessoa. Claro que existem níveis de criatividade, que variam de pessoa para pessoa, mas ela é vital para os mais diversos aspectos da vida. Já existem estudos comprovando que crianças que exercitam a criatividade se tornam adultos mais resilientes.



Pintura realizada por professores em Tamboril, Ceará

É preciso aceitar que as expressões artísticas não são frutos de um dom específico, mas exigem persistência, empenho prático e reflexões sobre o fazer.

E assim, resgatando sua alegria de se expressar por meio de imagens, esperamos contribuir com sua prática pedagógica, de modo que a expressão artística possa ocupar um lugar tão importante quanto qualquer outra forma de aquisição de conhecimento sobre si e sobre o mundo!



Mas de onde vem a criatividade e de que forma podemos estimulá-la? Um vídeo que trata do assunto de uma forma cativante é o TED Talk do ator Ethan Hawke. A premissa já traz uma constatação importante: muitas pessoas têm dificuldade em dar a si mesmas a permissão para serem criativas.

São vários os fatores que bloqueiam a criatividade. Seja por excesso de autocritica, seja por medo de cancelamento, seja por falta de tempo para criar. Em casos extremos, falta tempo até para o lazer. São muitas as dificuldades que a vida moderna nos impõe.

Quem se aventura a publicar alguma ideia nesse mundo dominado por redes sociais e algoritmos, pode ficar frustrado com a falta de repercussão.

Diante do desinteresse geral, muitos acabam largando suas ideias na gaveta. Hawke trouxe uma compreensão melhor sobre o tema:

“

*Muitos de nós queremos oferecer ao mundo algo de qualidade, algo que o mundo vai considerar bom ou importante. É aí que está o inimigo, pois não depende de nós dizer se o que fazemos é bom ou não. E, se a História nos ensinou algo, é que o mundo é um crítico nada confiável.*

”



Mesmo que a nossa arte não esteja “viralizando”, não significa que ela deixa de existir. A arte sempre está viva dentro de nós e, antes de tudo, ela deve existir para nossa própria fruição, para que possamos apreciar o processo criativo e, quem sabe, aprender algo novo. A única “curtida” que a nossa arte precisa receber é a nossa própria.

Hawke prossegue dizendo que, quando estamos emotivos - seja amando ou sofrendo -, é quando arte deixa de ser um luxo para se tornar algo que nos dá sustância. É quase como um processo terapêutico, uma forma de entender nossos sentimentos.

Não é incomum ouvirmos alguém dizer que um livro, um filme ou um disco mudou (ou até salvou) sua vida. Pode parecer exagerado para quem não tem muita sensibilidade artística e enxerga tudo como entretenimento descartável. É aí que reencontramos aquele mundo segregado, mencionado anteriormente: o de achar que a arte deve ser exclusividade de artistas ou de pessoas naturalmente criativas.

Por exemplo: engenheiros são vistos como pessoas numéricas, metódicas e pragmáticas, mas mesmo eles precisam de criatividade para solucionar problemas em seu trabalho. É claro que eles dificilmente usarão sua criatividade para pintar um quadro ou escrever poemas, mas suas soluções podem se inspirar nas mais variadas referências, fazendo-os enxergar o mundo por um prisma diferente.

E já que falamos em referências, convém lembrar que elas podem vir de lugares aleatórios, muitas vezes até improváveis. Uma ideia não precisa nascer necessariamente a partir de uma obra de arte. Pode vir numa viagem, pode aparecer numa conversa com alguém. Nada disso tem hora para chegar. Pode aparecer quando estamos sentados tentando criar algo, mas também pode vir quando estamos empenhados em outras atividades... ou em atividade nenhuma.

Assim chegamos ao conceito de “ócio criativo”, do sociólogo italiano Domenico De Masi. Segundo ele, o ócio criativo vem da união de trabalho, estudo e lazer. Unindo esses três elementos, evita-se a mecanização do trabalho, tornando a pessoa mais criativa e também mais produtiva. De Masi acreditava que a tecnologia é uma grande aliada do ócio criativo, mas deixou seus alertas:

“

*As muitas pesquisas realizadas em todo o mundo mostram que, com o trabalho à distância, a produtividade aumenta de 15% a 20%. Isso significa que o teletrabalhador pode fazer em sete horas o que antes, no escritório, levava oito horas. Aqueles que, por teletrabalho, estenderam seu dia de trabalho em vez de encurtá-lo, são neuróticos que não podem viver sem trabalhar. Precisam de ajuda para se desintoxicar. O teletrabalho permite combinar trabalho, estudo e lazer: ou seja, permite o ócio criativo.*

”



Atividade de desenho em São Luís, Maranhão

Para além do ócio criativo, que deve ser um tempo que a pessoa reserva para si, há também a intrigante questão: por que tantas ideias aparecem em momentos tão banais?

Em outro TED Talk, a jornalista Manoush Zomorodi investigou a questão. Conversando com diversos neurocientistas, ela descobriu que, quando estamos nos dedicando a tarefas entediadas, ligamos uma rede neural em nosso cérebro, chamada “modo padrão”, que aqui conhecemos como “piloto automático”. É nestas horas banais, em que estamos escovando os dentes ou tomando banho, que nosso cérebro se desliga das obrigações e começa a voar, conectando ideias.

Portanto, se o ócio criativo não tiver um tempo reservado em nossa agenda, os únicos momentos em que deixamos o ar e as ideias entrarem em nosso cérebro serão nestes breves e tediosos momentos, em que estamos no “piloto automático”. Para uma pessoa que quer exercitar a criatividade mais regularmente, é pouco.

Claro que a vida moderna é corrida e, às vezes, 24 horas parece pouco em um dia, mas em algum momento precisamos nos desligar desse modo



“tarefeiro”, de forma que sobre espaço para ideias e reflexões mais profundas. Segundo Zomorodi, “o tédio pode nos levar ao brilhantismo”.

Caso você tenha a felicidade de encontrar um tempo para o exercício criativo, convém lembrar que, quando uma ideia vier, deve-se anotá-la imediatamente. Se a História nos ensinou algo mais, é que, da mesma forma que as ideias vêm, elas também vão embora.

## O que é desenho e o que é pintura?



*Que as técnicas se adaptem à nossa própria natureza. Só assim os sonhos se convertem em matéria na obra do artista.*

Mário Cravo Jr. (1923-2018)



Para iniciar um curso prático de desenho e pintura, é preciso primeiramente entender as diferenças e aproximações entre essas duas linguagens. Ambas as técnicas fazem parte de tradições que remontam ao universo de nossos ancestrais e, dessa forma, acumularam conhecimentos de mais de 61 séculos, como pudemos constatar ao apreciar brevemente a História da Arte.

Os estilos e as técnicas transformaram-se infinitamente pelas mãos de artistas de todas as épocas. Mas as bases construtivas continuam sendo as mesmas. E é por meio delas que se constituiu o patrimônio artístico universal ao longo dos séculos.



## DESENHO

O **desenho** é uma imagem construída com pontos e linhas, sendo que a própria linha é o ponto em movimento. Traços podem ser produzidos com pincéis entintados, lápis, bastões, linhas de bordar ou qualquer outro material.

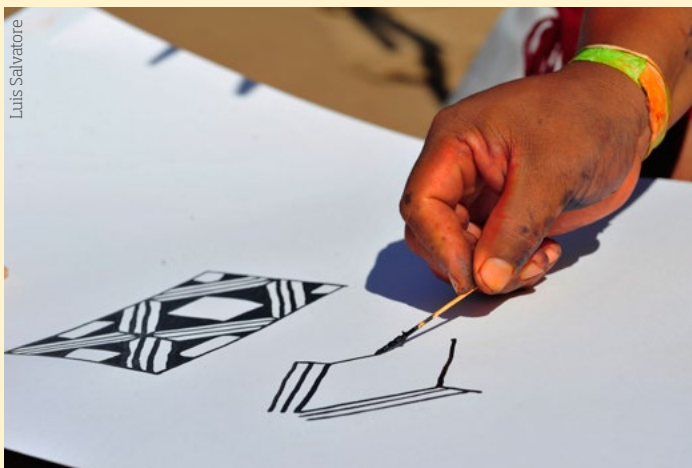


1.

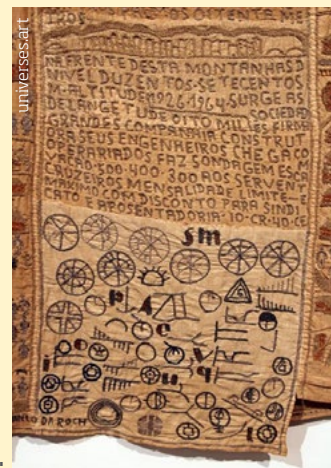


2.

1. O desenho León Ferrari (1920-2013), artista argentino, lembra a letra cursiva, muito familiar a todos. Em culturas orientais, a caligrafia é considerada arte; 2. Ilustração do livro *A parte que falta*, de Shel Silverstein. A simplicidade do traço do autor não diminui em nada a intensidade da narrativa, pelo contrário: é parte integrante dela. O livro compõe o acervo IBS.



3.



4.

3. Grafismo corporal, presente em diversas nações indígenas brasileiras com diferentes formas e significados em cada grupo; 4. Detalhe do estandarte de Artur Bispo do Rosário (c.1909-1989), com desenhos bordados do brasileiro.



5.



6.

5. Desenho de Gervasio Troche, cartunista argentino; 6. Um desenho mais clássico do artista espanhol Pablo Picasso.

## PINTURA

A **pintura** é uma imagem construída com manchas. Além das diversas tintas caseiras ou comerciais, aplicadas com pincel, espátula ou dedo para compor imagens por meio da mancha, alguns lápis e outros materiais macios podem produzir o efeito de mancha também.



1 e 2. *O jardim das delícias terrenas*, do artista holandês Hieronymus Bosch (c. 1450-1516), a pintura toda e um detalhe. 3 e 4. Pinturas de Ulysses Bôscalo, artista paulistano.

A **técnica mista** pode incluir pintura e desenho, além de outras técnicas como colagem, gravura, entre outros.



5 e 6. Técnica mista da artista mineira Renata Franca (pintura e desenho), para o livro *Tatu Lele*. O livro compõe o acervo IBS; 7. O alemão Kurt Schwitters (1887-1948) colava objetos encontrados na rua em suas pinturas, atribuindo a eles uma função visual na composição.

Longe de ser um dom para poucos, os recursos artísticos são acessíveis a todos e complementam habilidades de expressão, ao lado da escrita. As expressões artísticas ajudam a ordenar o pensamento e a reelaborar a realidade.

Um trabalho artístico começa em nossa mente, como pensamento visual, ou como recorte da realidade visível. Podemos conceber uma imagem conforme o estímulo, que pode ser o que vemos, ou um tema específico, um sonho, uma emoção, uma leitura, como gatilho para a formação uma cena ou objeto em nosso pensamento.

O desafio do desenho e da pintura, geralmente, reside no processo de transportar a ideia concebida na cabeça, para o papel. Isso acontece porque, nesse caminho, há perdas, pois que depende de meios físicos para fazê-lo.

É preciso desenvolver habilidade manual para concretizar a ideia num suporte físico, o que se

consegue com a prática constante, e o domínio do material escolhido, nem sempre dócil.

Mesmo quando o que queremos representar está na nossa frente, a imagem que captamos com os olhos passa pelo filtro do cérebro, oferecendo os mesmos desafios para sair de lá em forma de desenho ou pintura.

Portanto, só é possível alcançar esse objetivo praticando. Quanto mais as mãos se acostumarem a traduzir as ideias em traços ou manchas no papel (ou outro suporte), cada vez mais fácil será transformar a imaginação em matéria visível e expressiva.

Sendo assim, alguns aprendizados básicos ajudam a fazer com que os artistas iniciantes comecem a transportar suas ideias para o mundo material. A seguir, apresentamos alguns princípios que valem tanto para o desenho como para a pintura.

## Esboço

É enganosa a ideia de que o artista, em um dia de inspiração, senta-se e produz sua obra prima, partindo simplesmente da ideia que passou da sua cabeça diretamente para o pincel. Na maioria das vezes, não é assim que acontece.

Como todo trabalho prático, a obra de arte também precisa de elaboração e amadurecimento. Entre a ideia inicial do artista e o resultado final, existem etapas a serem percorridas. A experiência de cada indivíduo com a arte determina quantas etapas são necessárias.

Chamamos de esboço os rabiscos iniciais da forma imaginada. São as primeiras ideias traçadas no papel e é por meio delas que a grande maioria dos artistas começa a configurar uma composição.

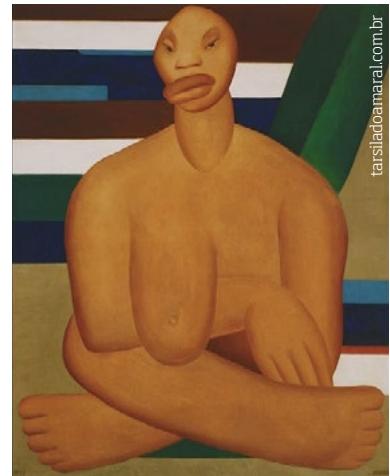
O **esboço** consiste numa anotação da ideia, feita pelo artista para si mesmo, com indicações necessárias para a realização da obra final, tais como luz e sombra, anotações de cores, algum efeito específico, etc.

Como não é obra finalizada, não precisa estar correta, exata ou bem-acabada, pois é partir dos ajustes no esboço que a obra começa a ganhar formas mais apuradas.

O objetivo principal desse curso é fazer com que o participante se perceba capaz de criar, e o esboço é um recurso que ajuda o iniciante a soltar sua mão e a sua imaginação. O esboço servirá para testar uma ou mais ideias, ajudando o artista a escolher a melhor forma de expressar o que pensou.



Detalhe do esboço do artista francês Edgar Degas



Tarsila do Amaral (1886-1973) desenhou esses dois esboços para realizar a obra "A negra", de 1923.

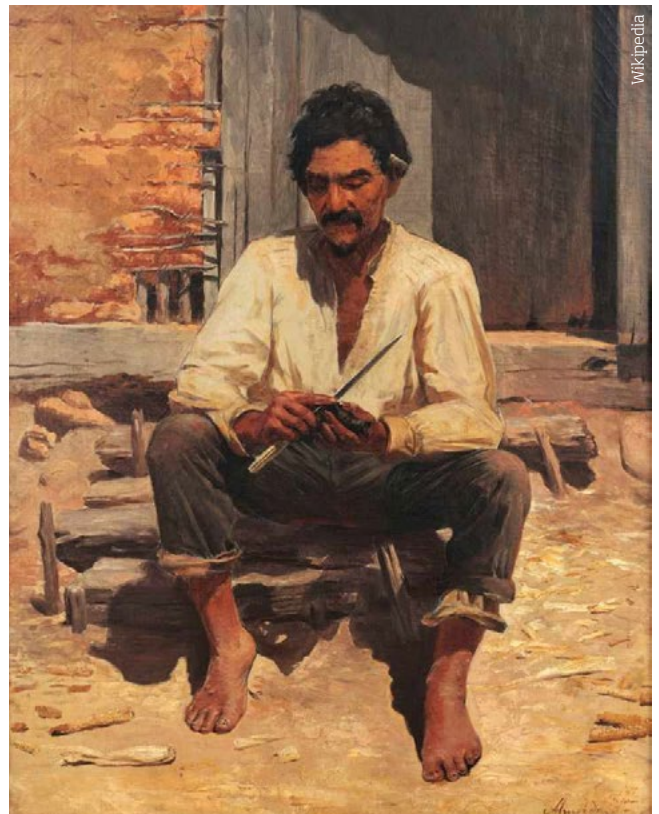


Neste outro caso, da mesma artista, é possível notar a semelhança dos estudos de personagens com a figura principal da pintura "A cuca", realizada em 1924. O esboço mostra que as figuras são elaboradas antes da sua concretização na obra final.

Uma obra grande e complexa muitas vezes exige, além do esboço do conjunto, os estudos das partes separadas, contendo os detalhes mais minuciosos.

Claro que, quanto mais experiência tiver o artista, mais os esboços dele se parecerão com o resultado final. Há também artistas que preferem se expressar de forma direta, sem esboços. Porém, essa habilidade é desenvolvida com a prática constante, o que lhe oferece a segurança necessária para a execução.

A pintura "Caipira picando fumo", de 1893 (ao lado), de Almeida Júnior (1850-1899), por exemplo, tem duas versões no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Uma delas, em tamanho reduzido, é um esboço, um estudo para a pintura em tamanho original, cujas dimensões são 2m de altura por 1,40m de largura.



## Composição

A composição é a organização dos elementos constituintes da imagem no espaço escolhido como suporte. Independentemente de a composição ser simétrica ou assimétrica, ela deve ter harmonia, proporção e equilíbrio. Seja qual for o assunto, figurativo ou não, é preciso que as partes estejam relacionadas entre si e com o todo.

Os olhos devem percorrer toda a obra com fluidez, sem travar em um ponto específico que

não permita ter a visão do conjunto. Se a visão não estiver fluindo de modo que o observador contemple o motivo principal e o todo numa só visada, é porque a composição não está funcionando.

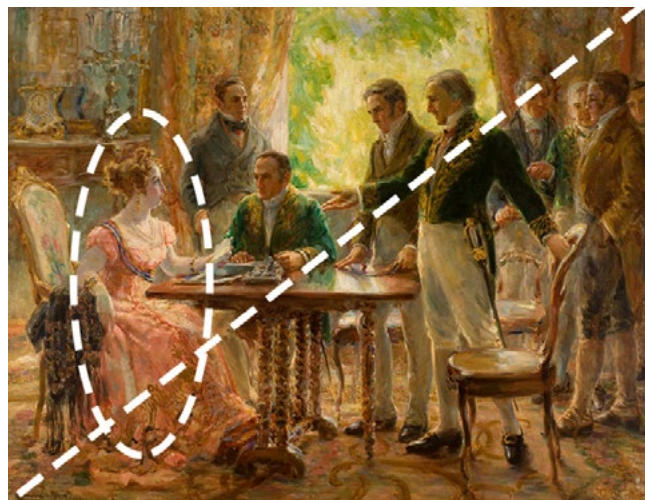
A importância do **esboço** reside aí, pois é o primeiro planejamento da composição, onde o artista tem a oportunidade de corrigir eventuais disfuncionalidades do trabalho.

*“Numa obra de arte bem sucedida, a forma é inseparável do conteúdo. A aparência não é arbitrária. Mas não há fórmula que permita assegurar sua unidade: ela é particular a cada obra e é isto que faz seu valor.”*

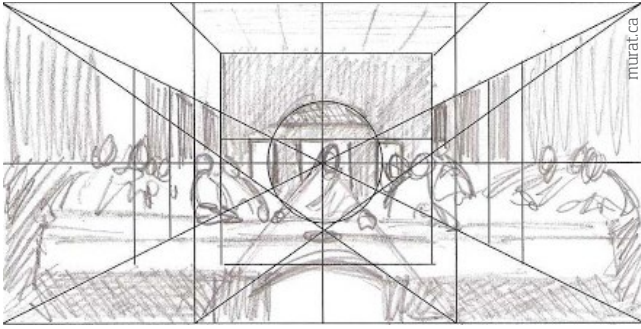
John Berger (1926-2017), crítico de arte britânico

Existem inúmeras possibilidades de composição de um trabalho artístico. E a melhor maneira de conhecê-las é observando obras de artistas consagrados de todos os tempos.

Observe, abaixo, na pintura “Sessão do Conselho de Estado” (1922), obra de Georgina de Albuquerque (1885-1962), como a maioria dos olhares se volta para o tema principal, a Princesa Leopoldina. A artista optou ainda por realçar a luz na princesa, enquanto os homens permanecem na penumbra. No entanto, o olhar da princesa é capaz de mantê-los dentro da cena fazendo com que não deixemos de notá-los.



Existem infinitas formas de se representar uma mesma cena. Se descrevermos um determinado acontecimento para várias pessoas, cada uma delas vai imaginar o ocorrido de uma forma distinta. Portanto, no universo artístico essa diversidade imaginativa vai se concretizar em diferentes representações plásticas de um mesmo tema, em diferentes composições.



A composição é simétrica quando podemos traçar uma linha imaginária no centro e observamos os volumes quase que espelhados. A obra "A última ceia", um afresco de Leonardo da Vinci (1452-1519) realizado na igreja Santa Maria della Grazie, em Milão, Itália, é uma obra simétrica.

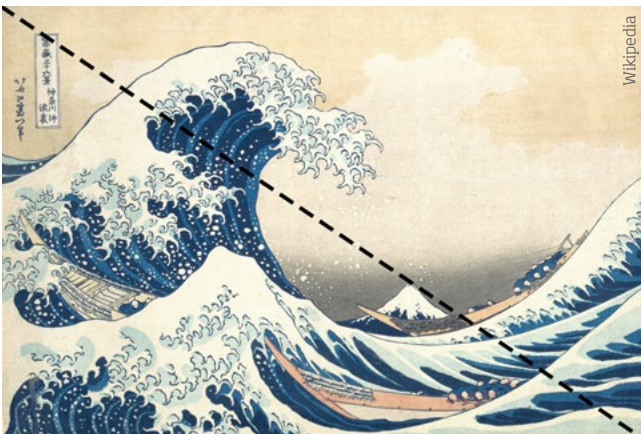


artebrazeiros.com.br



www.galeriabase.com

Gilvan Samico (1928-2013), artista pernambucano, trabalhou a assimetria em suas xilogravuras mais antigas; perceba que, apesar da assimetria, a composição tem pesos perfeitamente distribuídos e harmônicos. Mais tarde, passou a optar por grandes xilogravuras simétricas. À esquerda: "O urubu de Pedro", 1963. À direita: "Primeira homenagem ao cometa", 1985.



Wikipedia

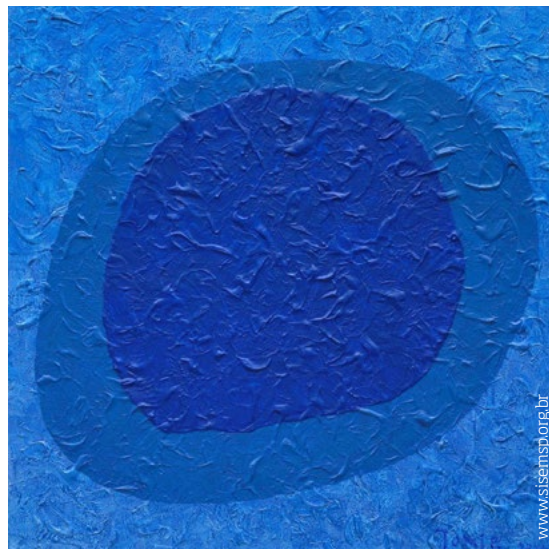
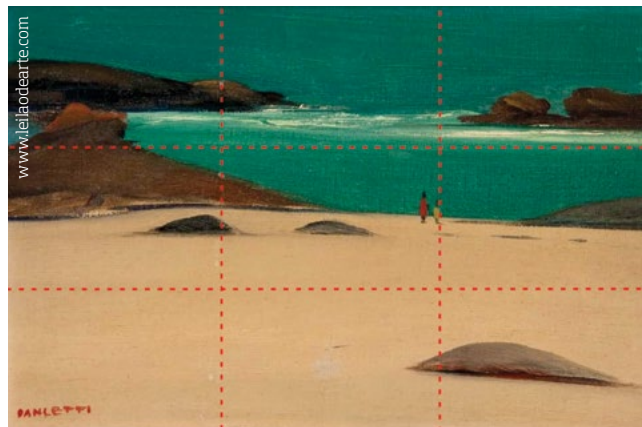
A obra "A grande onda de Kanagawa", do artista japonês Katsushika Hokusai (1760-1849) é outra xilogravura com composição assimétrica.

"O sepultamento", do artista flamengo Peter Paul Rubens (1577-1640), lança mão de uma composição triangular. Cada elemento das expressões faciais das figuras envolvidas na cena foi pensado para que percorrêssemos nossa visão por cada uma das faces, criando um ciclo completo, capaz de dar conta do conjunto. O cenário vazio, nesse caso, não se trata de desatenção do artista. Espaços vazios também podem ter peso e significado na composição.



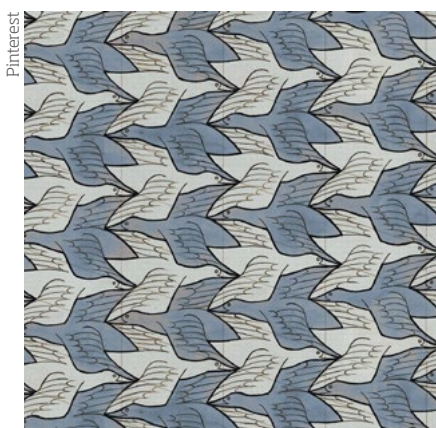
Wikimedia Commons

As paisagens costumam ter planos paralelos à base, geralmente mais pesada, para ancorar a visão. As linhas de força correm horizontalmente e podem ter contrapontos verticais, como nessa pintura do pintor brasileiro José Pancetti (1902-1958), que incorpora a **Regra dos Terços** em sua composição. A Regra dos Terços consiste em compor usando linhas retas imaginárias que dividem o espaço em nove partes iguais. Nos pontos de intersecção dessas retas, encontram-se os pontos de interesse que são as áreas que o olho humano tende a olhar primeiro e com mais atenção, quando vê uma imagem. O ponto de interesse fica deslocado do centro, o que confere à composição um movimento. No caso da pintura ao lado, duas pessoas estão localizadas entre os pontos de interesse, quebrando com singela verticalidade a horizontalidade dessa paisagem.



As paisagens podem ser compostas verticalmente também, como no caso de várias telas pintadas pelo artista brasileiro Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) ou da pintura chinesa do artista Ma Yuan (c.1160-1225). No caso das paisagens verticais, a quebra se dá com elementos horizontais, oferecendo ritmo às composições. Acima, à esquerda: *Noite de São João*, de Guignard. À direita: *Paisagem ao luar*, de Ma Yuan.

Uma forma orgânica centralizada é o que nos apresenta essa pintura abstrata, cheia de texturas, da artista nipo-brasileira Tomie Ohtake (1913-2015). Composições centralizadas com poucos elementos compositivos podem ser uma boa alternativa para quem está começando por serem simples.

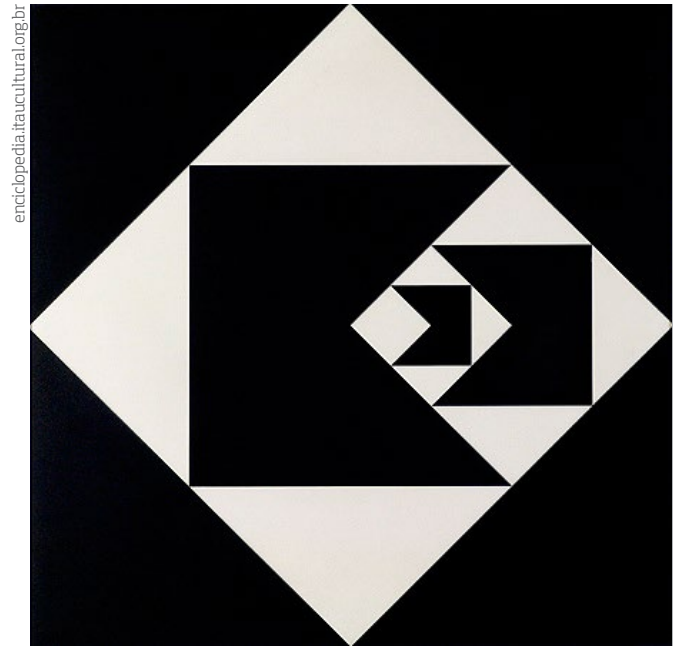


Acima: um padrão contínuo foi adotado pelo holandês M.C. Escher (1898-1972). Por meio de estudos da geometria dos padrões da arte islâmica, que vimos no fascículo de História da Arte, Escher criou padronagens muito bem elaboradas, usando uma técnica chamada tesselação (*tesselation*), na qual os motivos se encaixam perfeitamente, como em um quebra cabeça.

Na pintura do alemão Paul Klee (1879-1940), ao lado, a ocupação do espaço é total e as figuras, distribuídas por todo o suporte, formam quase um padrão.



www.catalogodasartes.com.br



enciclopedia.itaucultural.org.br

Na arte concreta, a obra é a própria composição geométrica. Os artistas concretos almejavam uma arte universal, sem referências regionais. Nada mais concreto e universal do que a tinta sobre o suporte, delineando formas geométricas sem nenhuma marca de pincelada. Judith Lauand (1922) e Geraldo de Barros (1923-1998) são dois representantes desse movimento. Hoje em dia, fazer composições com formas geométricas é muito fácil e rápido com a ajuda do computador. À esquerda: obra de Judith Lauand. À direita: obra de Geraldo de Barros.

Hoje em dia, fazer composições com formas geométricas é muito fácil e rápido com a ajuda do computador. À esquerda: obra de Judith Lauand. À direita: obra de Geraldo de Barros.

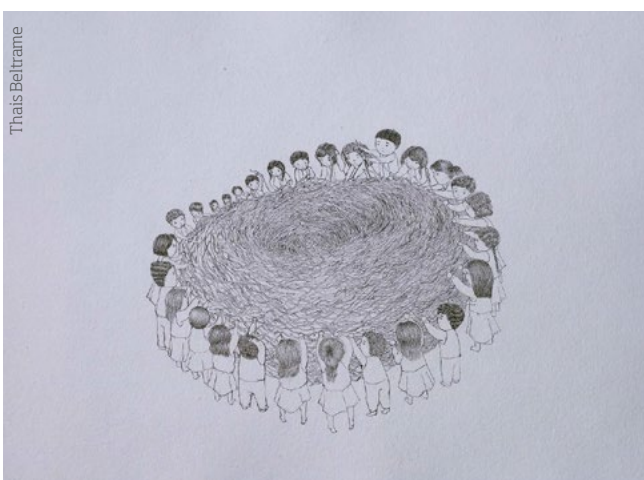
## Gesto

O gesto da mão e dos braços, tão particular de cada um, é uma característica que influenciará de forma determinante no resultado. Não é possível ensinar o gestual. Cada artista iniciante deve buscar o seu próprio repertório de gestos para desenhar ou pintar.

Ora, se na escrita manual as letras diferem de pessoa para pessoa, na arte ocorre o mesmo.

Há aqueles que preferem movimentos amplos, e outros que preferem os gestos minuciosos e delicados. Da mesma forma, quem tem a mão pesada produz resultados muito diferentes de quem tem a mão leve.

O importante é que cada um encontre seu próprio repertório gestual, a fim de que este contribua com a definição de um estilo pessoal.



Thais Beltrame



www.artemaiorleiloes.com.br

À esquerda: desenho da artista e ilustradora brasileira Thais Beltrame, cujo gestual é bem delicado. À direita, desenho do artista brasileiro Amílcar de Castro, com gestual mais amplo e pesado.





Acima: imagens de Jackson Pollock (1912-1956), artista norte-americano, produzindo suas pinturas

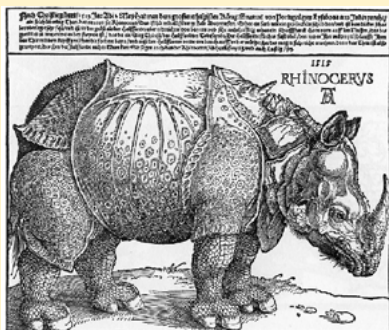
## Pesquisa e formação de repertório

Fazer arte, além de atividade lúdica e prazerosa, também envolve aspectos cognitivos, sendo um bom recurso para instigar a curiosidade e a pesquisa dentro da escola e convocar o protagonismo dos alunos.

Para produzir trabalhos artísticos, muitas vezes, é preciso pesquisar ou se aprofundar sobre o tema a ser explorado. Ao representar um episódio da História, uma festa popular, ou até mesmo plantas e animais, o artista lança mão de referências, modelos vivos, livros, outras imagens ou consultas a especialistas.

Até mesmo uma obra abstrata pode requerer pesquisas no campo material para sua realização. Testar tintas, texturas, buscar as cores apropriadas por meio de misturas, tudo isso está no campo da pesquisa artística para a realização de uma obra.

Estudar a história da arte também ajuda a adquirir repertório, pois ela oferece um conhecimento acumulado em séculos de teorias e práticas. Mas você também pode estar atento às visualidades da cultura ao seu redor e aprender com os artistas da sua região.



1. Albrecht Dürer (1471-1528), artista alemão, nunca viu um rinoceronte em sua vida. Desenhou um rinoceronte indiano com base na descrição de viajantes!
2. Obra do italiano Alberto Burri, que explora as características da própria tinta como elemento estético.
3. O cartunista Diogo Salles produz charges com viés político. Para que possa produzir suas charges, é necessário que esteja informado sobre a conjuntura política atual.

## Desenho e pintura na escola

Para desenvolver desenho e pintura na escola, bem como outras atividades artísticas, é preciso, em primeiro lugar, libertar a si mesmo de crenças limitantes que impedem de atuar criativamente, como já comentado acima. É preciso perder o medo de experimentar, de criar e até mesmo de fazer um traço e não gostar, pois o refazer é parte do processo de aprendizagem e, assim, deve ser incorporado de forma natural.

Há inúmeras alternativas para incorporar atividades de arte nas diversas disciplinas do currículo escolar. A História da Arte, rica coletânea visual do pensamento e do sentimento humano de todas as épocas e a arte contemporânea podem despertar inúmeras atividades criativas, tanto práticas como reflexivas, acompanhando todo o conteúdo programático do Ensino Infantil ao Ensino Médio e abrangendo as 10 habilidades gerais da Base Nacional Comum Curricular - BNCC.



Atividade de pintura em Palmeiras, Bahia

Carolina Lopes

As linguagens artísticas, além de privilegiar a contemplação e a emoção e estimular habilidades motoras, são produtos do conhecimento humano e, como tais, geram novos conhecimentos. Portanto, é preciso equilibrar as propostas com atividades práticas e atividades reflexivas, para que sejam contempladas todas as competências.

## Arte é espaço-tempo de criação

É muito comum que os educandos sejam avaliados pela sua capacidade de copiar imagens nas aulas de arte: se o aluno copia com destreza e fidelidade ao modelo, é considerado excelente artista aos olhos do educador.

No entanto, esse é um conceito equivocado do que seja arte. Segundo Viktor Lowenfeld, “a representação de um objeto, exatamente como ele é, não é arte” (Lowenfeld, 1976), pois se dez pessoas desenharem ou pintarem o mesmo motivo de forma igual, teremos cópias mas não expressões artísticas. A arte se encontra nessa relação muito particular entre o tema da realidade objetiva e o olhar subjetivo do ser humano que o interpreta.

Portanto, a atividade genuinamente artística deverá estimular a imaginação, a criação, a interpretação pessoal das propostas. O mesmo aluno que demonstra destreza com as técnicas ao copiar imagens pode apresentar dificuldades na criação de produções inéditas. As propostas de arte poderão auxiliá-lo a acessar sua imaginação.

Por essa razão, é de suma importância que o educador instigue cada aluno a perceber e explorar suas próprias pulsões, gestos e ideias, além de incentivá-los a se libertarem dos julgamentos.



## Leitura de imagem

Leitura de imagem é o reconhecimento, a compreensão, a interpretação, o desvelamento do que está dado na imagem a ser apreciada, por meio da visão.

A leitura de imagens não implica meramente em reproduzir na fala o que o olho reconhece visualmente, mas sim, produzir novos significados e sentidos no confronto com a realidade sensível de quem vê. A leitura de imagem é subjetiva e depende da postura proativa e crítica do observador.

“

*Toda obra de arte é, de alguma maneira, feita duas vezes. Pelo criador e pelo espectador, ou melhor, pela sociedade à qual pertence o espectador.*

Pierre Bourdieu (1930-2002)

”

### Vamos observar a obra de Maria Auxiliadora (1935-1974):



1. O que está acontecendo nessa cena pintada por Maria Auxiliadora?
2. Quem são os personagens e qual o papel de cada um dentro da cena?
3. O que mais chamou sua atenção nessa obra?
4. Você já se viu diante de uma cena parecida com essa?
5. Pesquise, na *internet*, a artista Maria Auxiliadora para conhecer sua biografia e outras obras que produziu.

O que você acabou de acompanhar foi uma leitura dessa obra de Maria Auxiliadora, mediada por algumas questões. É possível mediar leituras de imagens e de obras de arte em sala de aula, atividade que enriquece as propostas de arte por instigar a construção de novos significados e a produção de novos sentidos ao tecer relações entre o objeto de apreciação e as vivências pessoais dos alunos.

Existem diversas perguntas que o mediador pode fazer para ampliar os conceitos e significados a partir de uma imagem. Essas perguntas dependem do objetivo que se deseja alcançar com a dinâmica.

Se o assunto for cores, as questões podem ser direcionadas a esse tema. As perguntas devem ser preferencialmente desafiadoras e ter relação com a atividade prática que foi ou será dada.

É importante escutar o que os alunos têm a dizer fazendo perguntas abertas, isto é, que não tenham apenas uma resposta correta. Anotar o conjunto de observações dos alunos na lousa, deixando estas visíveis a todos, é uma boa estratégia para posterior conclusão.



Segue abaixo uma lista de sugestões de perguntas para inspirar a condução de leituras de imagens em sala de aula (Padilha, 2012). Você pode criar muitas outras, usando sua imaginação.

### ✓ Leitura formal

|            |  |
|------------|--|
| cores      | Que cores você pode identificar? Como essas cores estão organizadas? Quais efeitos elas criam?   |
| formas     | Que tipo de formas vocês podem encontrar na obra? Formas arredondadas, retas, pontiagudas, pontilhadas? As formas ou figuras estão paradas ou dão a sensação de movimento?   |
| superfície | Que tipos de texturas podemos ver? Que efeitos elas criam?   |
| escala     | Qual é o tamanho real dessa obra? Suas dimensões originais são muito diferentes das dimensões da reprodução que estamos vendo?   |
| espaço     | Essa obra nos dá a sensação ou ilusão de espaço ou profundidade? Como é o movimento das formas no espaço?  |
| materiais  | É possível identificar todos os materiais usados pelo artista olhando para a reprodução? Se sim, com que materiais essa obra foi feita? São materiais de arte tradicionais ou alternativos? Os materiais usados interferem no significado da obra? |
| processo   | Como você acha que a obra foi feita? Que tipo de habilidade envolveu o processo de produção da obra? Conseguimos identificar na obra pronta indícios de seu processo de construção?  |
| composição | Como a obra está organizada? Como é a proporção dos elementos apresentados? A composição é simétrica ou assimétrica? As formas no espaço parecem seguir uma organização ou estão desorganizadas?   |

### ✓ Leitura pessoal

|                   |   |
|-------------------|---|
| você              | Qual sua primeira sensação ao observar essa obra? O que nela fez você sentir assim? Você gostou da obra à primeira vista? |
| suas experiências | Você pode associar essa obra à alguma vivência pessoal ou à alguma história que conheça? Como você interpreta essa obra?  |

### ✓ Leitura temática

|               |   |
|---------------|---|
| conteúdo      | Do que se trata a obra? O que está acontecendo? Podemos imaginar um enredo? Você acha que obra foi inspirada em alguma obra literária (literatura mundial, nacional, mitológica, religiosa etc.)? |
| mensagem      | Qual a mensagem que essa obra passa para você?  |
| título        | O título muda o jeito como você interpreta a obra? Você daria outro título para ela?  |
| tipo / gênero | A obra representa algum gênero tradicional da História da Arte, como por exemplo, o nu, a paisagem, o retrato ou natureza morta?  |

### ✓ Contextualização

|                              |  |
|------------------------------|--|
| quando                       | Quando essa obra foi feita? Por meio de quais informações visuais podemos ter ideia da época em que a obra foi feita? Ela mostra algo comum em outra época que já não acontece mais?         |
| onde                         | Onde essa obra foi feita? Há alguma característica na obra que nos ajuda a saber o lugar onde foi feita ou sua nacionalidade?  |
| quem                         | Quem fez essa obra? Você já sabe algo sobre esse artista? Essa obra foi feita para quem e para quem?   |
| história                     | Podemos relacionar essa obra ao contexto social e político do momento histórico em que foi feita? Ela ainda é atual, ou seja, poderia ser relacionada ao contexto social e político de hoje? |
| outras linguagens            | Podemos relacionar essa obra com outras linguagens artísticas do período, como cinema, música, teatro, literatura, por exemplo?  |
| outras áreas do conhecimento | Podemos relacionar essa obra com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a ciência, geografia, matemática, história, ecologia?   |

## Releitura não é cópia

De uns anos para cá, a releitura tornou-se proposta corriqueira nas aulas de Arte. Apesar de ser uma atividade com muito potencial de aprendizagem e imaginação, tem sido aplicada como cópia.

Se pensarmos em tudo o que foi discutido até agora, que cada pessoa traz sua personalidade no gesto, suas preferências ao traçar as linhas, um peso diferente nas mãos, a cópia anularia todo esse potencial de forma sistemática, excluindo do fazer artístico os maiores benefícios, que são a liberdade na expressão e o exercício da criatividade.

Então, se releitura não é cópia, o que é, de fato? A releitura é uma produção artística que tem como referência a imagem analisada. O foco principal de uma releitura é a criação de algo novo, que mantém algum elo com a obra que serviu de inspiração.

Essa prática faz parte de uma atividade mais ampla, envolvendo a leitura de uma obra de arte - como praticamos acima - devidamente identificada com um objetivo pedagógico específico.

A leitura de uma obra de arte deve ser mediada pelo professor, que oferece um momento de interpretação aos alunos, no qual são convidados a observar aspectos que compõem a obra para poderem expressar suas visões. Aos poucos, o professor-mediador oferece mais informações sobre o artista e sua época, agregando novos conhecimentos e outras possibilidades de leitura.

Assim como uma obra de arte pode ter várias interpretações, também pode inspirar releituras

diferentes. Portanto, após a apreciação da obra, é possível realizar uma atividade prática de releitura na qual o professor deve selecionar um tema gerador a ser explorado criativamente.



Reprodução

Cópias da obra Abaporu de Tarsila do Amaral



Releitura do Abaporu feita por uma aluna da professora Solange Rodrigues, de Campo Verde (MT) a partir do tema "Se eu fosse o Abaporu, onde e como eu gostaria de estar?"

“

*Ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais.*

Jean Marie Goulemot (1937) apud. Rangel (1999)

”





A releitura do estilista Yves Saint-Laurent da obra do artista holandês Piet Mondrian (1872-1944) em vestidos, nos anos 60, nos mostra que as releituras podem ser realizadas em técnicas e suportes completamente diferentes da obra original de referência! O professor-mediador pode usar uma obra de Mondrian, por exemplo, para falar sobre as cores primárias e instigar seus alunos a criar composições com cores primárias e formas geométricas. Dessa forma, os alunos usarão os mesmos elementos compositivos que o artista usou, mas terão a liberdade de experimentar suas próprias composições a partir desses elementos.



As professoras de Boquira, Bahia, foram instigadas a criar uma peça artística a partir da obra "Antropofagia", de Tarsila do Amaral, cujo tema para releitura foi a criação, em grupo, de uma cena fantástica, tão imaginária quanto a da obra.



O produto final da releitura pode se parecer o não com a obra escolhida e isso não é um problema, pois reler é interpretar a obra, é colocar seu olhar pessoal sobre ela. A obra apresentada para estudo e apreciação não deve ser um modelo e sim, uma inspiração.

## Para concluir

O aspecto mais importante da criação artística é, sem dúvida, o desenvolvimento da imaginação criadora, o que vai impactar positivamente a vida de todos os educandos em qualquer área a que escolher se dedicar.

O envolvimento dos educandos com atividades artísticas desenvolverá diversas habilidades essenciais ao aprendizado em outras áreas do conhecimento como a cognição, a percepção, além de ampliar as capacidades socioemocionais.

Para isso, precisamos nos conscientizar de que a arte é um campo infinito para o desenvolvimento da imaginação, pois é um território de plena liberdade. A arte ultrapassa os limites da realidade por possibilitar a criação de mundos e situações que só existem ali, no trabalho artístico.

O desenho e a pintura, expressões muito comuns na escola, são meios técnicos para o registro da arte. Estão a serviço da arte e, dessa forma, devem atender à imaginação.

Portanto, ao levar atividades de desenho e pintura para a escola, o educador deve permitir a experimentação plástica que vai melhor se

adequar ao que os educandos querem exprimir. Para tanto, vai propor atividades que ofereçam amplitude de conexões, com temas geradores reflexivos, para que os educandos possam, cada um a seu modo, se expressar sobre o assunto.

“

*Quanto maior for a oportunidade para desenvolver uma crescente sensibilidade e maior conscientização de todos os sentidos, maior será também a oportunidade de aprendizagem.*

(Lowenfeld, 1977, p.18)

”

Sendo assim, quanto mais o educador exercitar em si mesmo a imaginação e quanto mais experimentar os meios artísticos para registrar suas criações, mais estará preparado para apoiar seus alunos a se expressarem e se desenvolverem por meio da arte.



Pintura mural em Cachoeira, Minas Gerais

## Referências bibliográficas

---

BIRCH, Helen. *Desenhar: truques, técnicas e recursos para a inspiração visual*. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

BUORO, Anamelia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. São Paulo: Cortez, 2001.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. São Paulo: Sextante, 2004.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Porto Alegre: Zouk, 2010.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte: um guia para os pais*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1976.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W.L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. *O espaço do desenho: a educação do educador*. São Paulo: Loyola, 1984. Coleção Espaço.

PEREIRA, Katia Helena. *Como usar artes visuais na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.

VIGOTSKI, L.S. *Imaginação e criatividade na infância*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

## Referências na internet

---

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br>> . Acesso em: 31/07/2020.

FORCIONI, Giovanna. *O poder da criatividade para incentivar que as crianças sejam mais resilientes*. Revista Crescer Online: 2023. Acesso em: 24/01/2024.

HAWKE, Ethan. *Dê a si mesmo a permissão para ser criativo*. TedTalk disponível em: <<https://youtu.be/WRS9Gek4V5Q?si=i3omtLZVW0QiqOdB>> . Acesso em: 15/01/2024.

PADILHA, Taciana. *Leitura de imagens*. Blog pessoal. Disponível em: <<http://prosalunos.blogspot.com/2012/02/leitura-de-imagens.html>> . Acesso em: 19/10/2020.

RANGEL, Valeska Bernardo. *Releitura não é cópia: refletindo uma das possibilidades do fazer artístico*. Núcleo Pedagógico de Educação e Arte da UDESC, 1999. Disponível em: <[www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2534/1895](http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2534/1895)> . Acesso em: 15/10/2020.

ZOMORODI, Manoush. *Como o tédio pode levar às suas ideias mais brilhantes*. TedTalk disponível em: <<https://youtu.be/c73Q8oQmwzo?si=9XivGoRHnuCgKrbE>> . Acesso em: 15/01/2024.

## Agradecimentos

---



Ana Maria de Matos Viegas

Diogo Salles

Carmélia Menezes

Luciana Pereira

Luciano Bortoletto

Karla Cristina Silva

Marcelo Alexandre Seixas

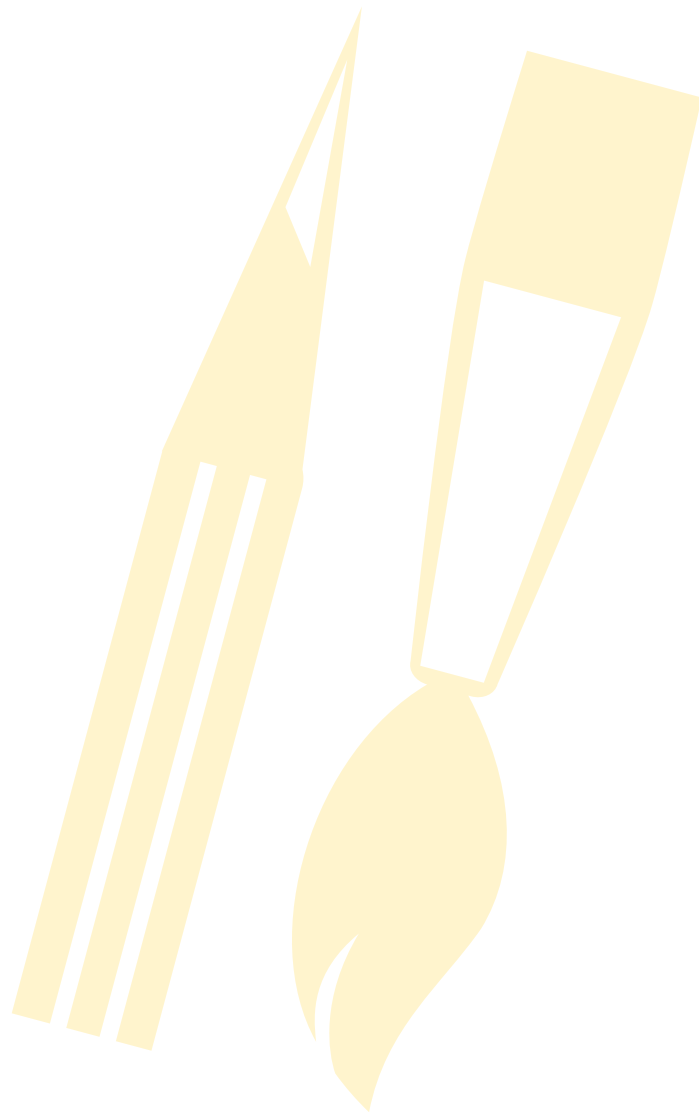
Marly Porto

Renata Franca

Rociana Barreto Cavalcante

Zenaide Campos Farias

Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário  
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto  
**BRASIL  
SOLIDÁRIO**

**INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS**  
[www.brasilsolidario.org.br](http://www.brasilsolidario.org.br)